



UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE A PERIFRÁSTICA PARA FUTURO DO PRETÉRITO

Milca Cerqueira Etinger Silva[‡]
(UESB)

RESUMO

Vários estudos têm apresentado ao longo da história da língua portuguesa as variantes para expressão do futuro. Neste artigo, seguindo uma vertente sociofuncionalista, mostraremos as variantes para o futuro, encontradas no *Corpus* do Português culto de Vitória da Conquista. Contudo o foco desta pesquisa será a perifrástica para o futuro do pretérito. Diante da hipótese de gramaticalização, pretendemos descrever o processo de auxiliarização que o item linguístico *ir* vem passando, em nível morfossintático e semântico, na medida em que passa de verbo pleno (com sentido de deslocamento) a verbo auxiliar (que indica tempo). Esta pesquisa nos permitiu ainda observar a construção do futuro em direção a uma forma analítica e a concorrência entre as formas de futuro (sintética e analítica).

PALAVRAS-CHAVE: Futuro do pretérito; Sociofuncionalismo; Gramaticalização

INTRODUÇÃO

É certo que o Português Brasileiro apresenta uma enorme quantidade de variações, tanto na modalidade escrita quanto na falada. Para expressarmos o futuro, por exemplo, essas variantes são bem perceptíveis. Oliveira (2006) menciona seis formas de realizar o futuro: (i) a forma do futuro simples; (ii) a forma do presente (Ele cantará); (iii) a forma perifrástica com o verbo *ir* no presente + infinitivo (Ele vai cantar); (iv) a forma perifrástica com o verbo *ir* no futuro + infinitivo (Ele irá cantar); (v) a forma perifrástica com *haver* no presente + de + infinitivo (Ele há de cantar) e, por fim,

[‡] *Mestranda em Linguística (PPGLing) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e integrante do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq (milcacerqueira@gmail.com).



(vi) a forma perifrástica com o *haver* no futuro + de + infinitivo (Ele haverá de cantar). Nós, neste artigo, nos atentaremos, apenas, à forma perifrástica com o verbo *ir* no pretérito imperfeito + infinitivo (Ele ia cantar), encontrada em *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista.

Dentro de uma perspectiva variacionista e funcionalista da língua, pretendemos analisar e descrever o verbo *ir* na formação do futuro do pretérito. Com os resultados que serão expostos, tencionamos não apenas contribuir para descrição linguística do Português Brasileiro mas também cooperar com a questão do ensino da língua portuguesa nos setores educacionais a respeito da noção de formas que servem à expressão do futuro.

Com essa intenção, inicialmente, apresentaremos a Fundamentação Teórica, na qual será abordado um breve histórico das perspectivas que nos servirão de base (a Sociolinguística e o Funcionalismo) e da estrutura do futuro no Latim. Ainda nessa seção, mostraremos como os compêndios gramaticais atuais registram a estrutura perifrástica do futuro e apontaremos as percepções de alguns linguistas sobre o fenômeno que escolhemos analisar.

Em seguida, diante do *corpus* escolhido: o Português Culto de Vitória da Conquista, dispomo-nos em fazer uma análise em que são considerados os fatores internos e externos que poderiam ser responsáveis pela motivação da escolha da variante. Nessa análise, nos atentamos ainda para a semântica e o processo de gramaticalização do verbo *ir*, responsável pela perifrástica do futuro.



FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um breve histórico sobre a perspectiva Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo.

Sociolinguística

Durante a década de 1960, diante das propostas de Labov, Weinreich e Hergoz (1968), há a instituição da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa. O objetivo era descrever a língua, levando em conta seu uso variável e estabelecendo uma correlação entre os fenômenos linguísticos e as variáveis sociais. Essa abordagem, então, considera a existência natural de uma relação entre língua e sociedade, incorporando a ideia de que a variação é motivada por pressões sociais. Assim, aqui, a língua não pode ser estudada fora do contexto social e a variação da língua constitui um dado fundamental da descrição Sociolinguística.

Labov, Weinreich e Hergoz (1968) sugerem ainda que a mudança ocorre quando uma “variante se generaliza em um subgrupo de uma comunidade e adquire uma certa direção e significado social; o processo de mudança está associado à aprovação dos valores de um grupo pelos membros de outro” (HORA, 2004, p 22).

Para os sociolinguistas, a mudança demanda etapas: a de transição, de variabilidade, de competição entre estruturas e de divergências dentro comunidade do falante. “Segundo Labov (1994), a expansão da mudança será tanto maior quanto maior for a frequência de contato entre falantes” (HORA, 2004, p 22).

Tanto a variação e quanto a mudança linguística, portanto, estão condicionadas por fatores linguísticos e sociais.



FUNCIONALISMO

Os primeiros funcionalistas foram os linguistas do Círculo Linguístico de Praga. Para eles, a língua deve ser estudada em uso no seu contexto social e sociointeracional e possui funções sociais e cognitivas que determinam a estrutura da gramática. A pesquisa funcionalista, então, empenha-se em esclarecer a relação entre forma e função.

Os objetivos desse pressuposto não são prioritariamente histórico-diacrônico, uma vez que as orientações linguísticas se referem ao uso. Para os pressupostos funcionalistas, o processo de gramaticalização[§] se relaciona à mudança. Segundo Mattos e Silva, (2008, p.73), nesse processo “há um *continuum* de formas menos gramaticais para formas mais gramaticais, ou seja, de unidades independentes para aquelas dependentes, como sejam os clíticos, os verbos auxiliares, as flexões”.

Então, com entendimento de que a língua está em constante variação e a estrutura desse sistema é determinada pela função, priorizaremos uma análise linguística de cunho (sócio)funcionalista.

A FORMAÇÃO DO FUTURO A PARTIR DO LATIM

Segundo Illari (2002), o verbo no Latim Clássico era dotado de grande quantidade de desinências. O tema do presente, do pretérito e do supino^{**} eram formas sintéticas, construídas por meio de sufixos e desinências, sem recorrer a verbos auxiliares. Assim, argumenta que “Em contraste com a grande variedade de vozes verbais que constituíam a conjugação do latim clássico, o latim vulgar teve um quadro de tempos relativamente limitado”. (Illari, 2002, p. 100). Do Latim Clássico, apenas sobreviveram o presente, o imperfeito e o perfeito.

[§] Segundo Neves (1997), gramaticalização é um processo no qual os itens lexicais passam a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver outras funções.

^{**} Forma verbo-nominal do acusativo, do dativo ou ablativo



Câmara Jr (1979) , por sua vez, afirma que “Ao contrário do latim clássico, o latim vulgar não propiciava o uso do futuro”. Assim, a forma do futuro, no Latim Clássico, é resultado de “[...] uma elaboração secundária, de ordem puramente intelectual”, e o seu emprego está associado à dúvida, ao desejo e funciona na categoria de modo. Foram as normas da língua literária e escrita que trouxeram o futuro temporal estrito. (CAMARA, 1979, p. 128). No Latim Vulgar, dessa forma, prevalecia o uso do presente como futuro.

O futuro sintético do Latim Clássico foi suplantado pelas perífrases formadas do infinitivo com o presente do indicativo de *habeo*, *debeo* e *volo* (expressando compromisso, obrigação). Essas perífrases, nas quais o verbo auxiliar aparecia em segundo lugar e variava em pessoa e número, segundo Ilari (2002) “ acabaram aos poucos sendo interpretadas como ‘tempo’” (Illari, 2002, p. 100).

É válido acrescentar ainda que a criação dessas novas formas verbais no Latim Vulgar ocorreu em virtude das perdas. Coutinho (2004) explica que a razão do desaparecimento do futuro em *-bo*, por exemplo, na primeira e segunda conjugação, acontece em virtude da semelhança de algumas formas como as do pretérito do indicativo: *amabit-amavit*, *amabimus-amavimus*. “Esta semelhança devia induzir o povo inculto a frequentes equívocos. Daí a necessidade de sua eliminação da língua falada. Recorreu-se então, entre outras, a uma perífrase verbal, formada pelo infinitivo de um verbo e o indicativo *habere*” (COUTINHO, 2014, p. 276).

O Latim Vulgar, dessa forma, criou um novo tempo: o condicional, recorrendo a uma forma perifrástica, constituída pelo infinitivo com o presente e imperfeito do verbo *habeo*. Segundo Nunes (1945), a substituição do sintético pelo analítico é manifestada em textos literários, como os de Sêneca e os de Cícero.

Com a reconstrução do futuro condicional, como *amar hei*, *amar hia*, os dois vocábulos vieram a se aglutinar e , daí, resultou a formação *amarei e amaria*. A junção desses dois componentes foi, certamente, motivada pelo uso frequente de tais expressões.



Castilho (2012, p. 404), corroborando com a discussão, afirma que o futuro do presente e do pretérito do português derivaram da construção latina de infinitivo + *habere*. Nas palavras do pesquisador, “Posposto a um verbo pleno no infinitivo, como em *amare habeo*, esse verbo começa seu processo de auxiliarização, perde o sentido de possessivo, e passa a indicar obrigatoriedade (tenho de amar)”.

Amare habeo sofreu redução fonológica e se aglutinou ao verbo principal. Surgi, pois, assim, o futuro sintético: *amarábeo* >*amáraveo*>*amarayo*>*amaray*>*amarei*. Recorrendo a Oliveira (2003/2004), Castilho (2012) explica a formação do futuro do pretérito, conhecido como condicional, mostrando que sua origem se dá a partir de *amare* + *iva* – segunda forma do imperfeito do indicativo vulgar *ire*.

Frente a essas evidências, podemos constatar uma inversão das formas do futuro. No Latim, a partir da forma analítica^{††} surge a sintética, tendência registrada por muitos estudiosos ao diferenciarem o Latim Clássico do Latim Vulgar. No Português, no entanto, a forma sintética vem sendo suplantada pela analítica, o que caracteriza um processo em uma direção inversa.

A PERÍFRASE COM *IR* NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS

Gramáticos tradicionais, como Cunha e Cintra (2013) e Bechara (1999), prescrevem o futuro simples como norma padrão e apresentam a estrutura desse tempo verbal da seguinte maneira: para indicar futuro do presente, acrescenta-se o morfema -ra (re) tônico; e para indicar futuro do pretérito, o tema de -ria (rie).

Cunha e Cintra (2013, p. 411), quando abordam sobre verbos auxiliares, declaram que o emprego do *ir* com um verbo no infinitivo serve para exprimir o firme propósito de executar a ação, ou a certeza de que ela será realizada em futuro próximo. Mais a frente, os autores citam a forma perifrástica como substituta do futuro do presente

^{††} Segundo Nunes (1945, p.139), embora aparentemente sintéticos, o futuro latino de tema -a e -e, são na sua origem analíticos ou perifrásticos.



simples, preferencialmente na conversação: “o presente do indicativo do verbo *ir* + infinitivo do verbo principal, para indicar uma ação futura imediata”, como “vamos entrar no mar”. (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 475).

Na tradição gramatical, a rigor, os gramáticos não se referem ao futuro perifrástico com o verbo *ir* como norma. No entanto, encontrarmos em seus textos essa variante, como pode ser observado em Bechara (1999, p. 278): “O futuro do presente e do pretérito denotam uma ação que ainda se vai realizar”. E, apesar de declararem que o uso do futuro perifrástico é próprio da fala, Cunha e Cintra (2013, p.10), ao tratarem sobre o Latim e a expressão romana, escrevem: “E, na sua trilha, Plauto, Ênio, Névio [...] não deixaram de inspirar-se nos estimulantes exemplos de Hélade, cuja influência vai ampliar-se mais ainda [...] a partir de 146 a.C”.

Notamos que a forma perifrástica com o verbo *ir* para construção do futuro não é registrada como norma culta em compêndios gramaticais. Contudo verificamos que há a coexistência de diferentes formas para expressar o futuro. E, então, concebemos que, se a língua muda, a gramática também deve passar por mudanças, porque precisa ajustar-se às novas condições de uso e ,se é difícil alterar o que prediz a tradição gramatical nos compêndios, nos livros didáticos pode ser apresentada essa diversidade de uso.

UM OLHAR LINGUÍSTICO SOBRE O FENÔMENO

Perini (2010) afirma que a forma sintética do futuro é de uso muito raro no Português Brasileiro, todavia é considerada a forma apropriada para escrita. A forma verbal expressa no Português Brasileiro por meio da junção do auxiliar *ir* com um verbo no infinitivo é denominada por Perini (2010) como futuro composto.

Existe ainda, segundo o descritivista, uma condição paralela ao futuro composto, “que pode ser considerada um condicional composto (ia sair), e que substitui opcionalmente o condicional” sairia (PERINI, 2010, p. 225).



Castilho (2012, p.434), em estudo realizado, caracteriza os usos dos tempos verbais que veiculam noções de futuro em indicativo e subjuntivo. Para ele, o futuro do presente simples e composto do indicativo podem ser identificados como: (1) futuro do presente real; (2) futuro metafórico e (3) futuro atemporal ou gnômico. Já o futuro do pretérito simples e composto são destacados como: (a) futuro do pretérito real e (b) futuro metafórico. Quanto ao futuro simples e composto do subjuntivo, o autor não faz uma categorização. Nesse aspecto, Castilho (2012) aponta para funcionalidade das formas linguísticas, em que cada signo corresponde a mais de um significado.

Castilho (2012), ainda, ao tratar da gramaticalização de *ter* e *haver*, aborda sobre a formação do futuro do presente e a do pretérito a partir do latim (analítica x sintética), mostrando a coexistência das duas formas verbais do futuro: a forma em {rá} e a perífrase com o verbo *ir*: Amanhã sairei ou Amanhã vou sair.

Martelotta (2003), por seu turno, observa a relação que existe entre essas formas e as construções que as originaram. Segundo ele,

O morfema de futuro em *falarei* é proveniente da forma verbal *hei* (*falar + hei*) e a construção *vou falar*, em que o verbo *ir* é empregado como auxiliar indicando uma idéia de futuro, resulta de um processo, generalizado na língua portuguesa, que implica uma extensão do uso original, em que o verbo *ir* expressa movimento no espaço. (MARTELOTTA, 2003, p. 58)

Assim como Castilho (2012), Martelotta (2011, p. 96) assinala a gramaticalização do verbo *ir* como auxiliar de futuro no português e expõe que o novo uso é inferido a partir do contexto da ambiguidade como em *Ele vai falar com Paulo*. Nesse contexto, pode-se compreender que “ele” vai a algum lugar com intuito de falar com Paulo, como também se interpreta um valor de futuro, ou seja, “ele” falará com “Paulo”.

**Neves (1997), com base em Hopper e Traugott (1993), explica a gramaticalização como processo no qual os itens lexicais passam a servir a funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados continuam a desenvolver outras funções e se tornam ainda mais gramaticalizados.



Oliveira (2003/2004), em artigo sobre formação do condicional em português, apresenta uma hipótese sobre o *ir*. De acordo com Oliveira (2006), a autora relata que, tanto para o futuro simples como para o futuro do pretérito (condicional), houve um processo de gramaticalização envolvendo auxiliares diferentes: *haver* para o futuro simples (amar +hei) e *ir* para o condicional (amar + ia). O verbo *ir* é, nesse sentido, um auxiliar da perífrase original do futuro do pretérito.

METODOLOGIA

Diante da perspectiva funcionalista, de vertente norte-americana, voltamo-nos para o estudo da gramaticalização. E com a visão de variação e mudança do fenômeno, nos dispomos da teoria Sociolinguística Quantitativa. Assim, a investigação aqui descrita segue uma linha (Sócio)funcionalista, uma vez que esta perspectiva teórica estuda os fenômenos de variação e de mudança no domínio funcional discursivo.

São considerados na investigação da variável em questão fatores internos (linguísticos) e externo (sociais) que poderiam ser responsáveis pela motivação da escolha da variante.

Fatores internos:

- a) Presença ou ausência de marca de futuridade fora do verbo (advérbio)
- b) Pessoa verbal (primeira, segunda e terceira)
- c) Paradigma verbal (regular ou irregular)

Fatores externos:

- a) Faixa etária do informante
- b) Sexo (masculino ou feminino)
- c)

Para verificar a hipótese de gramaticalização do verbo *ir*, analisamos dados extraídos do *Corpus* de Português Popular de Vitória da Conquista do Grupo de Pesquisa



em Linguística Histórica e Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo. Para estudo do *ir* na formação do futuro, há dados da fala de informantes de Vitória da Conquista, do tipo elocução informal. São analisados textos orais de seis informantes: três do sexo feminino e três do sexo masculino. Quanto à faixa etária, os informantes estão distribuídos em: faixa 1: 15 a 25; faixa 2: 26 a 50 e faixa 3: mais de 50.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Diante da análise dos dados, foram encontradas três variantes para o futuro: (1) perífrase com *ir* no presente; (2) perífrase com *ir* no pretérito imperfeito e (3) pretérito perfeito para expressar o futuro. Contudo, nos preocupamos em analisar nosso real objeto de estudo: a perífrase com o *ir*, para formação do futuro do pretérito.

- (1) “[...] você **vai começar**”. (ASA)
- (2) “[...] eu **ia ser** professora de inglês”. (CBS)
- (3) “[...] se eu pudesse eu **mudava** daqui” (KAC)
- (4)

As ocorrências com a perífrase com *ir* no pretérito imperfeito foram baixas, ou seja, mais marcadas, como comprovado na Tabela 2. Segundo Longo e Campos (2002, p. 465), o baixo índice de ocorrência do futuro do pretérito com o verbo *ir*, “explica-se porque o futuro do pretérito é normalmente usado com valor modal, sendo a interpretação temporal pouco frequente”. Com valor modal, a forma sintética prevalece na língua, exprimindo polidez ou hipótese. A perífrase para a formação do futuro é uma forma inovadora que ainda convive com a conservadora.

Tabela 1: Ocorrências da forma sintética do futuro do pretérito

Futuro do pretérito	Ocorrências
Morfema – ria/rie	88

Tabela 2: Ocorrências totais das perífrases

Variante	Ocorrências
<i>Ir</i> no presente + infinitivo	63
<i>Ir</i> no pretérito imperfeito + infinitivo (Futuro condicional)	13

Identificamos outra variante para o futuro do pretérito: o uso do verbo no pretérito imperfeito: ***mudava***, demonstrado no exemplo (3). O enunciado revela um acontecimento que poderia ocorrer após um determinado fato. Nesse caso, utilizaríamos, de acordo com as normas gramaticais, o verbo ***mudaria***.

O USO DA PERÍFRASE COM *IR* NO PRETÉRITO IMPERFEITO + VERBO NO INFINITIVO

Nos dados pesquisados, não encontramos nenhuma ocorrência da perífrase *ir* com o verbo no futuro do pretérito ou no futuro simples (iria fazer ou irá fazer). Diante desse fato, presumimos que essa forma é própria da linguagem escrita. Contudo, apesar do baixo surgimento no *corpus*, comparado com a perífrase com o verbo *ir* no presente, há a ocorrência da perífrase com *ir* no pretérito imperfeito para se referir ao futuro do pretérito (condicional). O valor de futuridade somente é depreendido por meio do contexto. Eis alguns trechos que exemplificam isso:



- (5) “[...]eu pensei que **ia tê** um ôtro caminho que a gente pudesse fazê, sabe?” (FSLB)
- (6) “[...] hoje se eu fosse eh... mudá de profissão, eu queria sê... eu **ia formá** em direito pra mim sê ou delegado ou advogado” (DAO)
- (7) “[...] o professô **ia fazê** uma visita até o pai” (DAO)
- (8) “[...] então mudasse pra uma cidade mais fria [que] eu não **ia pará** de tê aquilo” (FSLB)
- (9) “[...] eu achava que eu **ia ficá** muito em contato com a língua inglesa” (FSLB)
- (10) “[...] eu **ia cuidá** em primeiro lugar da saúde” (KAC)
- (11)

De acordo com Perini (2010), o condicional (teria, formaria, faria, pararia, ficaria cuidaria) pode ser substituído pelo pretérito imperfeito do indicativo, como pode ser observado nos trechos (1), (2), (3), (4), (5), (6), (7), (8) e (9). Ele afirma ainda que “as versões com o imperfeito parecem mais coloquiais e espontâneas do que as com o condicional” (PERINI, 2010, p. 226).

É interessante observar que, nos exemplos acima, as perífrases com *ir* no pretérito imperfeito podem ser interpretadas como contendo uma informação não factual. Elas expressam um evento que poderia ocorrer. Dessa forma, essa perífrase comporta perfeitamente na estrutura da língua e até segue o que gramáticas normativas apregoam sobre a denominação do tempo pretérito imperfeito – designa um fato passado, mas não concluído –, e a do futuro do pretérito – designa ações posteriores à época que se fala. (CUNHA; CINTRA, 2003, p. 477).



FATORES INTERNOS E EXTERNOS

FATORES INTERNOS

Podemos constatar nas ocorrências, (2), (4), (5), (6), (7), (8) e (9) há indicação do sujeito tanto na flexão do verbo *ir* quanto na presença da primeira e terceira pessoa do singular. Em (2), (4) e (6) a perífrase é formada com o verbo irregular e em (5), (7), (8) e (9) construída com um verbo regular.

Ainda que tenhamos, no exemplo (5), o advérbio “hoje”, deduzimos que não há marca de futuridade fora do verbo (advérbio), uma vez que o “hoje” representa a época presente e não projeção futura.

Podemos concluir que o paradigma verbal e a marca de futuridade não são uma motivação na seleção de uma variante. Acredita-se que a primeira pessoa expressa um maior comprometimento do sujeito com a ação verbal, o que indica que a pessoa verbal favorece a perífrase com *ir* no pretérito imperfeito. Os exemplos (2), (4) e (5), (7), (8) e (9) comprovam essa hipótese.

FATORES EXTERNOS

A faixa etária do informante também nos permite, segundo Oliveira (2006, p. 129), identificar o curso do fenômeno em estudo: se se trata de uma variação estável ou de mudança em andamento.

Acreditávamos que os jovens empregassem mais a forma perifrástica do que os informantes das faixas 2 e 3. Contudo percebemos na distribuição das três faixas etárias que a faixa jovem e a faixa 3 são as que mais favorecem o uso da forma inovadora, enquanto a faixa intermediária possui poucas ocorrências. Observe-se a Tabela 3.

Tabela 3: Faixa etária

Variante	Faixa etária		
	Faixa 1: 15 a 25	Faixa 2: 26 a 50	Faixa 3: Mais de 50
<i>Ir</i> no pretérito imperfeito + verbo no infinitivo	6	1	6

Segundo Oliveira (2006, p.180), “a interpretação da influência do sexo sobre os fenômenos de variação e mudança envolve o estigma social das variantes”. A autora menciona que o sexo feminino é líder, quando se trata de implementar na língua uma estrutura socialmente prestigiada, e possui uma atitude conservadora quando se trata de uma forma socialmente desprestigiada. Apesar de as ocorrências mostrarem que as mulheres fazem menos uso das variáveis, a variante *ir* no pretérito imperfeito + verbo no infinitivo parece não conter estigma.

Esses resultados corroboram a hipótese de Labov (1984), descrita por Oliveira (2006, p. 128): “as mulheres são mais conservadoras em casos de variação estável e no início da mudança”.

No que diz respeito à forma sintética do futuro do pretérito, notamos, na amostra em análise, que tanto os homens como as mulheres falantes do português culto têm uma preferência por essa estrutura.

Tabela 4: Sexo/ gênero

Variante	Feminino	Masculino
<i>Ir</i> no pretérito perfeito + infinitivo (Futuro condicional)	4	9
Futuro do pretérito	44	44

Esses dados nos revelam que há uma coexistência entre a forma simples de futuro do pretérito e a perifrástica na fala, e a forma sintética é ainda a menos marcada.

1.1. Semântica do verbo *ir* na construção do futuro do pretérito

Pretendemos, nessa seção, identificar a semântica do verbo *ir* na formação do futuro perifrástico.

Apesar de o verbo *ir* representar movimento, distância, deslocamento de um lugar para o outro. Percebemos que o sentido de movimento está completamente ausente nos exemplos. A construção do verbo *ir* no pretérito imperfeito com infinitivo de outro verbo indica futuridade dentro de um passado.

- (12) “Menina, eu **ia eliminá** um monte de gente que tá no podê só pra roubá”
(ASA)
- (13) “[...] foi algo que eu sempre quis até mesmo antes de sabê que existia vestibulá aqui como eu **ia me torná** professora de inglês” (CBS)
- (14) “[...] mas essas coisinhas assim **iam torná** o Brasil um lugá melhó pra se vivê, eu acho” (FSLB)

No trecho (13), o verbo *ir* no pretérito imperfeito não possui uma ideia futuridade, mas sim de movimento, de deslocamento físico literal. Enquanto no exemplo (14), podemos concluir que o verbo pode até conter uma ideia de movimento, mas não há um propósito de mudança de um lugar para o outro, nem o sentido de projeção futura.

- (15) “[...] meu pai mesmo trabalhava de pedrêro na construção civil, viajava pra São Paulo, **ia trabalhá** lá e deixava meu avô tomando conta lá da... da roça (DAO)
- (16) “[...] um aluno **ia fazê** a pontinha” (KAC)



Esses dados nos revelam que o fenômeno aqui estudado configura uma mudança em andamento.

GRAMATICALIZAÇÃO DO *IR*

Segundo Oliveira (2006, p 74), a construção perifrástica *ir* + infinitivo pode ser analisada como resultado de um processo de gramaticalização do *ir* como auxiliar de futuro. De acordo com ela, os verbos de movimento, em geral, são polissêmicos; e o *ir* é um dos mais polissêmicos e, conseqüentemente, um dos mais 'gramaticalizáveis'.

Contudo, com o desenvolvimento dos estudos sobre gramaticalização, começa-se a observar o papel da contigüidade discursiva. Parte-se, então, do princípio de que um item se gramaticaliza "dentro de uma estrutura maior, que gera uma interferência tal que desencadeia uma nova possibilidade de interpretação do item na língua". (MARTTELOTA; ALONSO, 2012, p. 100)

"A gramaticalização do futuro perifrástico, portanto, envolveria não apenas um processo sofrido pelo verbo *ir*, mas o estabelecimento de um padrão mais geral que abarca todo contexto sintático imediatamente envolvido". (MARTTELOTA; ALONSO, 2012, p. 100)

Assim, concluímos que as construções com mais de uma palavra também tendem a se gramaticalizar, como é o caso do *ir* + verbo no infinitivo. Dessa forma, a gramaticalização do *ir* como auxiliar somente foi possível porque esse item linguístico ocorria em uma sequência em que era seguido por um verbo no infinitivo.

CONCLUSÕES

Este estudo nos mostra que a expressão do futuro verbal é e sempre foi um fenômeno linguístico variável.



Investigando a formação desse tempo verbal, observamos a retratação do futuro e a forma sintética a que se chegou, ou seja, o processo que aconteceu no latim (analítica > sintética) está sendo invertido no português atual (sintética > analítica).

Concluimos que o futuro perifrástico, principalmente o formado com *ir* no pretérito + verbo no infinitivo, se implementou na língua falada do Corpus Português Culto de Vitória da Conquista. Contudo há uma coocorrência entre as duas formas (futuro do pretérito/forma simples e *ir* no pretérito imperfeito + verbo no infinitivo), inclusive a primeira estrutura é ainda a menos marcada, ou seja, a que prevalece na língua falada culta.

Os resultados obtidos nos permitiram observar que há um início de mudança em andamento. Mas ainda sim as gramáticas pedagógicas continuam a apresentar apenas a forma canônica de futuro. Isso nos leva a pensar na necessidade de uma revisão das gramáticas tradicionais, uma vez que prescrevem o que não correspondem à realidade linguística atual.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Padrão – Livraria Editora LTDA.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro: Editora ao livro técnico, 2004.
- CUNHA, Cunha; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- CUNHA, Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios; MARTELOTTA, Mário Eduardo. A mudança linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org), **Linguística Funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HORA, Dermeval (Org.). Teoria da Variação: trajetória de uma proposta. In:_____. *Estudos Sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. UFPB: João Pessoa, 2004, p. 13-28



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

- ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- LONGO, Beatriz de O.; CAMPOS, Odette de S. A auxiliaridade: perífrase de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, Maria Bernadete M.; RODRIGUES, Angela C. S. (Orgs). **Gramática do Português Falado**. 8ª. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.
- NUNES, José Joaquim. **Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa**. 8.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1945.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; ALONSO, Karen Sampaio. Funcionalismo, cognitivismo e a dinamicidade da língua. In: SOUZA, Edson de Rosa (Org). **Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, Maria Helena de Moura. Introdução ao funcionalismo: Preposições, Escolhas, Temas e Rumos. **Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino**. João Pessoa: Idéia, p. 13- 28, 2004.
- OLIVEIRA, Marilza de. **Amare aveva or amre iva? A new look at the grammaticalization of Portuguese Conditional**. Linguística, 15-16. São Paulo: ALFAL- USP, 2003-2004, p. 175-184.
- OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. 2006. 252f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) Faculdade de Letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Caminhos da linguística histórica : “ouvir o inaudível”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Arbitrariedade e Iconicidade. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.